



O coronel Décio Nascimento, hoje superintendente da Polícia Civil, comandou o pelotão responsável pelo massacre em Itapeba.

O major — hoje coronel reformado — Aristides Pereira Martins foi o responsável pelo Inquerito Militar que investigou a morte do soldado Alnizio Brum da Silva, ocorrida no dia 13 de abril de 1962, durante um choque armado entre os posseiros e um destacamento comandado pelo delegado Jadir Rezende.

No seu longo depoimento, prestado à Comissão Parlamentar de Inquérito, o oficial falou sobre os preparativos para a ofensiva na Fazenda "Rezende" e sua preocupação diante da inexistência de documentos judiciais que dessem respaldo legal à invasão e expulsão dos posseiros.

dando no ponto pré-estabelecido a chegada do grupo de Omar Marques, quando o capitão Décio e outros praças supuseram ter ouvido um tiro ou vários tiros, o que não foi ouvido por mim. Continuamos a caminhada e encontramos com os pelotões comandados pelo tenente Ruper Borges e um grupo de soldados e civis que se prestaram a auxiliar os soldados no encontro programado contra os invasores. Após as apresentações entre os oficiais — também presente o tenente Euclides José dos Santos — eles utilizaram a expressão "Serviço sem alteração".

Os oficiais procedentes de Estrela do Norte bateram as regiões circunvizinhas até encontrar-se com o pessoal do capitão Décio Nascimento. Não sei o que ocorreu nas diligências efetuadas pelos três oficiais (Ruper, Euclides e Matos), porque não os acompanhei. Terminadas as apresentações, os pelotões voltaram ao ponto de origem, isto é, o do capitão Décio a Itapeba e os demais a Estrela do Norte. Pelo menos foi isso o que os oficiais declararam ao se despedir, mais ou menos às 13 horas do dia 18.

MORTE DO POSSEIRO

Foi no regresso a Itapeba que eu e o capitão Décio encontramos o grupo comandado pelo sargento Omar Marques, havendo este comunicado que o seu pessoal foi obrigado a atirar num posseiro, ferindo-o. Eu e o capitão Décio Nascimento seguimos para lá imediatamente e pudemos verificar a exis-

Comandante explica a ofensiva militar

AJO 6863 88

Ao defender a corporação dos ataques na Assembléa Legislativa, segundo os quais a Polícia Militar havia cometido uma série de crimes durante a invasão à Fazenda "Rezende", o coronel Tércio de Moraes

e Souza — em depoimento ao jornal "A Gazeta", em maio de 1962 — disse que, "se há urubús em volta dos cadáveres, devem ser os políticos da oposição em busca de cadáveres que não existem". Eis o seu depoimento:

ESTRADAS BLOQUEADAS

Mas não ficou aí a ação dos invasores. Para melhor controlar a região e prosseguir na série de saques que havia sido iniciada, bloquearam a estrada que liga Itapeba a Estrela do Norte, obrigando todos os veículos, inclusive ônibus, a pararem para tomar qualquer arma que fosse portada pelos passageiros, que eram minuciosamente revistados.

Em seguida, anunciaram que marcariam sobre Ecoporanga, onde iriam colocar em liberdade David Afonso, preso por ter novamente invadido a propriedade, apesar da indenização que recebera antes para dela se retirar. A população da região abandonou o local, temerosa e sem garantias, e as próprias autoridades de Ecoporanga solicitaram medidas enérgicas ao governo. O juiz de Direito, Waldir Vitral, homem de conduta ilibada e de uma serenidade por todos reconhecida, em rádios dirigidos ao governador do Estado e ao presidente do Tribunal de Justiça, dizia, textualmente: "Comarca está chegando a ponto de insegurança, pois policiais já não podem sair da sede para diligências, porque, constantemente correm o risco de serem assassinados. É inadiável enérgica providência a fim restabelecer o princípio da autoridade, já abalada nesta altura".

GARANTIAS

Também, o promotor Romualdo Cola dirigiu rádio ao governador do Estado, solicitando garantias e chegando mesmo a reclamar que o general Darcy Queiroz

abril, a morte do soldado Alnizio Brum da Silva e ferimento em outro soldado. Recebendo a portaria de designação, acompanhei o comandante geral, que se destinava à mesma região, com a finalidade de restabelecer a ordem ali alterada, conforme documentação em meu poder, cuja cópia está anexada ao IPM.

Ao chegar a Ecoporanga procurei dar início ao inquérito, minha única missão no Município. Ainda em Vitória, em vista das notícias aqui veiculadas e diante dos radiogramas procedentes da Comarca de Ecoporanga — e tendo em vista ordens superiores ao mesmo comando de reforçar o contingente policial —, o comandante resolveu levar dois pelotões comandados pelos tenentes Carlos Augusto Vieira Matos e Wilson Pimentel Junquilha, os quais deveriam reunir-se aos do capitão Décio Nascimento, que antes já houvera deslocado-se de Colatina para Ecoporanga. Todos os pelotões chegaram ao Município no dia 16, sendo o do capitão Décio durante o dia e os outros dois à noite.

MISSÕES MILITARES

No dia seguinte, o comandante passou estudando a situação, tendo colhido as informações mais desbaratadas possíveis, isto é, segundo uns, haveria em Itapeba, aguardando a polícia, mais de 300 posseiros ou invasores e, segundo outros estes posseiros atingiam a mais de 700.

Na tarde do dia 17, o comandante reuniu os três oficiais comandantes dos pelotões, dando a cada um a sua missão: ao tenente Matos, a missão de partir às 0 (zero) hora do dia 18, em direção a Estrela do Norte, onde deveria reunir-se com o tenente Euclides José dos Santos, que, segundo informações, comandava soldados e alguns civis que se prestaram a auxiliar os soldados; o capitão Décio Nascimento deveria partir às 3 horas da madrugada em direção a Itapeba, onde estaria a turba de posseiros amotinados; o pelotão do tenente Wilson Pimentel Junquilha ficaria junto ao comandante geral, de reserva em Ecoporanga, aguardando mensageiro do capitão Décio.

PREOCUPAÇÃO

Conhecedor das ordens dadas pelo comandante a esses oficiais, apesar de ter uma missão única de encarregado de inquérito, procurei o comandante e fiz-lhe ver que as incumbências dadas a cada oficial, pela sua responsabilidade, deveriam ter toda cobertura judicial possível, isto é, que as diligências fossem revestidas de toda a legalidade possível, a fim de que, mais tarde, os familiares dos componentes dá diligência não se envergonhassem ou lastimassem que seus chefes de família tombaram na defesa de uma causa ilegal ou fizeram sacrificar alguém defendendo uma causa inglória. Isso eu fiz ver ao comandante, em virtude de ter sabido, pelo juiz de direito, que o proprietário do terreno onde ia se iniciar a ação policial, não dera entrada na Justiça da ação competente e, por isso, a Polícia iria agir à sua própria responsabilidade.

Tomando em consideração as minhas palavras, o comandante reuniu-se com o juiz e discutiu longamente sobre as medidas a serem adotadas, resolvendo, por fim, dirigir um rádio ao secretário do Interior, comunicando-lhe que a diligência iria ser efetuada.

houvesse alguma consequência trágica no desempenho da missão recebida. Quanto à ordem judicial inexistente, achei que, àquela altura, era desnecessária, embora fosse necessária no início dos incidentes que deram motivo à ação da Polícia. Achava desnecessária, porque, se na realidade se encontrasse em Itapeba o bando de mais de 300 homens armados, aguardando a ida da Polícia, a fim de enfrentá-la, competia aí a ação policial, pois não se tratava mais da existência de pacatos lavradores — quer fossem eles invasores ou posseiros — mas sim indivíduos organizados, no intuito de perturbar a ordem pública, num flagrante desrespeito às autoridades constituídas, tramando assim contra a própria coexistência da civilização que, como sabemos, se alicerça no princípio de autoridade.

APROVAÇÃO TOTAL

Embora estivesse em Ecoporanga como encarregado do inquérito, obtive do comandante a permissão, por minha própria conta e sem comando, acompanhar o pelotão do capitão Décio Nascimento. Fiz esse pedido na esperança de encontrar entre os invasores algum conhecido meu, pois fora informado que, até um meu amigo, sargento Francisco Izidro Gomes, dirigia um grupo de invasores. Se eu encontrasse alguns conhecidos, talvez fosse possível evitar inútil derramamento de sangue.

Com a chegada do pelotão a Itapeba, foi impossível encontrar os chefes dos posseiros ou invasores amotinados, com quem eu pudesse parlamentar. Alguns habitantes do lugar, embora demonstrassem saber onde estariam os invasores, esclareciam sobre a responsabilidade que iriam ter dali por diante, por haverem auxiliado a Polícia, e que, talvez viessem a sofrer vexames ou maltratos por parte dos invasores. Com a impossibilidade de entender-me previamente com os invasores, deixei a ação desenrolar-se, sem intrometer-me nas ordens dadas pelo capitão Décio Nascimento. Este, por sua vez, por deferência, me comunicava sobre todas as ordens dadas, as quais, desde o começo até ao término da missão de que foi incumbido o seu pelotão, foram aprovadas por mim, inclusive a de arrecadar, sob cautela, toda a munição existente no comércio de Itapeba, a qual ficaria depositada em Juízo para futura entrega aos legítimos donos, após serenados os ânimos e voltada a calma na região. Não vi serem expedidas as cautelas, pois não acompanhei a diligência do recolhimento da munição.

“SEM ALTERAÇÃO”

Assim que o capitão Décio resolveu iniciar o vasculhamento do terreno de propriedade do sr. Antônio Rezende, a fim de ver se na realidade nele existiam invasores entrincheirados, eu o acompanhei. O capitão Décio resolveu ainda, dada a grande zona a ser vasculhada, dividir os 30 homens que comandava em grupos de 8 a 10, determinando a cada um desses grupos, devidamente comandados, a zona a que tocava vasculhar, bem como o ponto de reunião de todo o pelotão. Um desses grupos, comandado pelo sargento Omar Marques, começou a batida justamente no morro em que, dias antes, 13 de abril, ocorrera a morte do soldado Alnizio. O restante do pelotão já estava aguar-

do pelo sargento Omar Marques, havendo este comunicado que o seu pessoal foi obrigado a atirar num posseiro, ferindo-o. Eu e o capitão Décio Nascimento seguimos para lá imediatamente e pudemos verificar a existência de um indivíduo — cujo nome soube ser Sebastião “Rufino”, com 35 anos — caído numa poça de sangue, alvejado que foi com o um tiro de fuzil, cuja bala penetrou-lhe na região abdominal esquerda, saindo nas costas, à altura dos rins, esfacelando-os completamente.

Ao chegar com os demais — capitão Décio e alguns praças — no local onde jazia Sebastião “Rufino”, lá encontrei o grupo comandado pelo sargento Oladir Rocha, que só naquele momento tomou conhecimento do fato, não tendo dele participado. Sebastião “Rufino” tombara ao lado de sua esposa e de numerosos filhos menores, entre estes duas mocinhas, na aparência menores de 18 anos, que me alegraram que os praças haviam tentado até contra a sua castidade. Os soldados negaram haver violentado ou tentado contra as moças. Em virtude do estado grave de Sebastião “Rufino”, eu e o capitão Décio prometemos à esposa e filhos mandar socorro logo que chegássemos a Itapeba, procurando conformá-la e prestando todas as informações necessárias, inclusive, a quem ela deveria procurar a fim de que fosse punido o elemento que atirara contra seu marido. Removemos a vítima do local em que tombou para o interior do casebre e retomamos o caminho de Itapeba, onde encontrei-me com o tenente Wilson Junquilha, que trazia ordens do comandante a mim dirigidas. E viajei para Ecoporanga.

COAÇÃO FÍSICA

Lá chegando, levei o resultado da diligência na Fazenda “Rezende” ao comandante, inclusive a respeito do crime na pessoa de Sebastião “Rufino”, solicitando a ele que fosse aberto rigoroso inquérito para apurar a responsabilidade do ocorrido. Informei ao comandante que no vasculhamento do terreno não foram encontrados mais do que meia dúzia de invasores, os quais foram detidos e levados para Ecoporanga para prestarem depoimento no inquérito militar do qual sou encarregado.

Os invasores detidos pelo capitão Décio no dia 18 não foram espancados pela Polícia. Isto dito a mim pelos detidos, não obstante haver desconfiado que antes ou mesmo depois de levados à minha presença tenham sofrido alguma coação física. Anteriormente, isto é, no dia 13 de abril, data da diligência do tenente Jadir Rezende, fora preso o sr. David Afonso de Oliveira. Não sabendo o motivo de sua prisão, tomei seu depoimento e ele informou que fora cruelmente espancado pela polícia. De fato, vi bastante entumecido o rosto do sr. David, principalmente a região facial e orbicular esquerda.

Em nenhuma fase das diligências policiais houve mandato judicial, embora possa informar que a última diligência efetuada, da qual fui observador, não dependia de mandato judicial, eis que as informações chegadas ao Poder Executivo eram de que numerosos indivíduos armados perturbavam a ordem pública, impedindo a liberdade pessoal de ir e vir aos moradores da região e ainda desrespeitando as autoridades constituídas. Por isso, compete diretamente ao Poder Executivo coibir tais abusos, caso existam. De fato, nada existiu, conforme verifiquei.”

quer dúvida quanto a legitimidade das terras de Cotaxé, o mesmo não acontece com relação à Fazenda “Rezende”, em Itapeba, cuja situação legal é clara e absolutamente regular.

OS FATOS

Feitas as primeiras explicações, vamos aos fatos.

Na Fazenda “Rezende” algumas incursões vêm sendo feitas desde 1956. Para ser preciso, foram feitas quatro incursões de invasores. Por último, o proprietário da fazenda resolveu indenizar alguns invasores renitentes para que eles se retirassem, o que aconteceu com David Afonso, que recebeu 55 mil cruzeiros, e muitos outros que, apesar de indenizados, pretenderam permanecer na terra, apoiados por centenas de novos invasores que surgiram de todos os cantos, vindos, inclusive, da Bahia.

A PRIMEIRA MEDIDA

Há alguns meses o general Darcy Pacheco de Queiroz, secretário de Interior e Justiça, foi procurado pelo brigadeiro Aunes, irmão de Antonio Rezende, proprietário da fazenda, que pediu providências contra as frequentes invasões, algumas delas por grupos armados.

O secretário determinou providências e o delegado de Mucurici, tenente Eucídes, em diligência, conseguiu fazer com que os invasores se retirassem sem maiores problemas. Na época foram feitas as indenizações acima relatadas.

NOVA INCURSÃO

Há 15 dias nova queixa chegava ao secretário de Interior, desta vez trazida pelo sr. José Alberto Rezende, irmão do sr. Antonio Rezende. Como da primeira vez, aquela autoridade determinou providências e o delegado de Ecoporanga, tenente Jadir Rezende, diligenciou com o seu pequeno destacamento. Nessa ocasião, os invasores resistiram e o soldado Alnizio Brum foi morto de emboscada, tendo sido feridas, na mesma ocasião, uma senhora e uma menor que se achavam conversando com a vítima, conforme a própria “A Gazeta” noticiou em sua última edição, publicando inclusive fotocópia do atestado médico.

SUBLEVAÇÃO

Com a morte do soldado, o pequeno destacamento retirou-se para Ecoporanga, o que fez crescer o ânimo dos invasores. Julgando que a Polícia havia se atemorizado, iniciaram uma série de saques, avolumando-se imediatamente suas fileiras, que chegaram a ter aproximadamente 400 homens armados e municionados. Fizeram, inclusive, um assalto à sede da fazenda, ferindo gravemente Antonio Rezende, como é do conhecimento público.

GARANTIAS

Também, o promotor Romualdo Cola dirigiu rádio ao governador do Estado, solicitando garantias e chegando mesmo a reclamar que o general Darcy Queiroz não havia tomado providências, apesar de solicitadas. Observa-se que, enquanto alguns consideraram por demais conciliadora a atitude do secretário do Interior, outros da oposição — e com fins políticos naturalmente — procuraram agora acusá-lo de parcial e violento.

GENERAL VIAJA

Em vista dos acontecimentos, com os invasores de armas às mãos, praticando assaltos e deixando a população em sobressalto, e diante da solicitação das autoridades locais, o general Darcy Queiroz foi pessoalmente ao local, onde passou todo o dia de segunda-feira, 16 de abril último. Para lá também partia comigo um destacamento da Polícia, no mesmo dia.

O general Darcy, procurando ainda resolver pacificamente a questão, entrou em contato com vereadores locais, que se prontificaram a servir de mediadores junto aos invasores.

No dia imediato, entretanto, terça-feira, os vereadores, diante do agravamento da situação e temerosos de serem aprisionados recuaram de seu intento, o que nos comunicaram.

Estabeleci, então, contato com o secretário do Interior e, na noite de terça-feira para quarta-feira, entrei em ação, enviando um pelotão para Estrela do Norte e outro para Itapeba, com a missão de limpar o terreno e ocupar militarmente aquelas duas localidades. A recomendação do comando, várias vezes reiteradas, era de que só abrissem fogo em caso de ataque violento.

SUCESSO NA AÇÃO

A ação, felizmente, foi bem sucedida, tanto assim que os invasores se retiraram, tendo havido apenas uma resistência com tiroteio, resultando a morte de um invasor. Foram feitos 6 prisioneiros. Convém observar, que enquanto morreu um invasor, a Polícia perdeu três elementos, sendo um morto e dois inutilizados, um com uma bala na espinha (paralisia total) e outro cego.

Se há urubus em volta de cadáveres, como disse o formal, devem ser os políticos da oposição em busca de cadáveres que não existem.

A situação atual é de tranquilidade. A Polícia permanece com um destacamento em Ecoporanga e outro em Estrela do Norte, tendo se retirado de Itapeba, embora contra a vontade da população, que desejava que lá permanecessem os soldados.

Também as famílias que se haviam retirado temerosas, já estão regressando, voltando normalmente ao trabalho.